

Coluna do Castello**Sarney sai,
mas sem renúncia**

O presidente José Sarney está pronto para deixar o cargo mais cedo. O presidente aceita, como tem confidenciado a amigos, entregar o cargo a 1º de janeiro, desde que algum candidato obtenha a maioria no primeiro turno, e que o Congresso aprove emenda constitucional antecipando o fim do mandato. Ele acha que 120 dias, de novembro a março, é um tempo longo demais de transição para um país que vive à beira da hiperinflação. Esta decisão foi motivada principalmente por dados que chegaram ao Palácio do Planalto mostrando que, a permanecer o atual quadro eleitoral, é muito provável que o ex-governador Collor de Mello obtenha a maioria no primeiro turno.

Sarney, entretanto, não pensa em renunciar. Ele está disposto a deixar o governo para facilitar a transição e entende que a renúncia pura e simples apenas complicará a vida do país. No caso de renúncia teria de entregar o cargo ao presidente da Câmara, deputado Paes de Andrade, completamente despreparado para administrar um país em crise durante quatro meses. Ainda com um agravante: o Congresso entra em recesso no início de dezembro, tolhendo-o ainda mais de instrumentos para enfrentar a crise econômica. Além disto, para Sarney a renúncia soaria como uma fuga humilhante.

A decisão do presidente José Sarney na verdade faz parte da avaliação de seus ministros da área econômica: concluíram que nada mais há a fazer para combater a inflação. Esgotaram-se os pacotes. Não há mais medidas provisórias, portarias, atos que possam reverter a expectativa inflacionária. Ela fugiu da área econômica e está na política. Para combater a inflação agora só um governo com muita credibilidade e autoridade. Sarney hoje não tem nenhum dos dois predicados. É preciso, na avaliação de técnicos da área econômica, credibilidade para conter o fator psicológico que está embutido na inflação. Temos uma cultura de inflação. O vendedor sabe que pode aumentar o preço porque assim mesmo venderá. O comprador sabe que se não comprar agora, comprará mais tarde mais caro ainda.

Para combater a inflação o governo precisa de autoridade para acabar com o que o ministro Mailson da Nóbrega costuma chamar de "câncer dos gastos públicos". Câncer infiltrado em todos os setores da administração pública, do Palácio do Planalto à

Assembleia Legislativa do Acre, passando pelo Judiciário. Criou-se no país, ainda na amarga avaliação do ministro, a idéia que o dinheiro público é farto e sem dono. Por exemplo, na recente crise da bolsa que resultou em um rombo de US\$ 400 milhões para as corretoras que especulavam, Mailson teve que enfrentar enorme pressão para não abrir os cofres públicos a fim de socorrer os especuladores. Houve um diretor do Bradesco, como confidenciou Mailson a um amigo, que chegou a encaminhar proposta por escrito pedindo que o Banco do Brasil avalizasse o prejuízo que teria que ser honrado pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Neste quadro, quem assumir com disposição efetiva de acabar com a inflação terá que usar, logo nos primeiros dias de governo, toda a força que trouxe das urnas para bater duro nos gastos públicos. Não será fácil. O ministro Mailson da Nóbrega lembra que o eleito terá que estar pronto para enfrentar pressões do Congresso, dos cartórios empresariais — caso do subsídio ao trigo e ao açúcar, entre outros — e, principalmente, da burocracia. "Hoje a burocracia se nutre das fraquezas do estado", resume Mailson. A ausência de autoridade criou um clima na administração pública, em todos seus níveis, que gera gastos até por inércia.

Ninguém espera que o presidente Sarney nestes seus últimos meses de governo consiga mudar quadro tão complexo. Mas e a inflação? O que fazer com ela até que o próximo presidente assuma? Mailson acha que não há mais milagres a operar. Está certo, porém, que a hiperinflação não virá porque a própria sociedade vai evitá-la. Os primeiros sinais estão sendo notados: os preços estão menos excitados na última semana, o dólar no paralelo vem caindo. Há esperança que a inflação se acomode no patamar dos 25%. Por estes mecanismos invisíveis, parece que a própria sociedade decretou uma espécie de moratória até a posse do próximo presidente. É por isto que Sarney quer sair o mais rápido possível. Antes que a paciência do povo se acabe.

Conspiração

O ex-presidente Jânio Quadros não tem conseguido mais disfarçar seu desejo de retirar o ex-ministro Aureliano Chaves do páreo presidencial. Tem jurado sobre a Bíblia que não deseja tomar o lugar do candidato do PFL, mas apenas encontrar uma solução viável eleitoralmente. Nenhum dos políticos chamados acredita no desprendimento do ex-presidente. Mas como também não acreditam nas chances de Aureliano, alegremente estimulam a conspiração.

Etevaldo Dias